

# APRESENTAÇÃO

**O número 9 do Cadernos PPG-AU/FAUFBA** apresenta uma seleção de textos produzidos a partir das pesquisas efetuadas no âmbito do Programa de Pós-Graduação, seja nas dissertações e teses de doutorado como nas pesquisas regulares desenvolvidas por pesquisadores vinculados ao PPG-AU/FAUFBA. Diferente dos Cadernos especiais que reúnem trabalhos com temática específica, os Cadernos regulares exibem a variedade de campos do saber que estrutura o programa, através da reunião de ensaios que não se agrupam por meio de um tema, mas que se justapõem apresentando as contribuições inéditas à produção do conhecimento em arquitetura e urbanismo. Neste número as contribuições tratam dos processos urbanos contemporâneos, dos modos de representação das novas ferramentas computacionais e também da teoria e história da arquitetura e do urbanismo.

No campo dos processos urbanos contemporâneos:

**Robson Freire de Carvalho Basilio Alves** e **Lilian Farias Gonçalves** analisam a precariedade habitacional em municípios pequenos do Nordeste brasileiro, a partir do recente processo de elaboração de Planos Locais de Habitação de Interesse Social (PLHIS), no Estado da Bahia, e atentam para as particularidades entre as grandes metrópoles e os pequenos municípios – que contam com limitada capacidade administrativa. Mostram a importância de buscar meios para produção da informação e do PLHIS baseadas em fontes disponíveis e em processos de fácil gestão para que os municípios pequenos viabilizem a aplicação de políticas públicas. Deste modo, apontam para a metodologia de caracterização dos assentamentos precários desenvolvida pela Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) Direito à Justiça como exemplo de alternativa viável.

**Tales Lobosco** escreve sobre a forte desigualdade social, presente nas grandes cidades brasileiras, que leva as camadas de baixa renda em direção às favelas. Este ensaio trata especificamente das favelas que ocupam certa condição de “proximidade” com a cidade formal, que acentua a tensão social existente na partilha do espaço e expõe a desigualdade social e econômica ao estabelecer fronteiras físicas e simbólicas ligadas ao medo e à desconfiança do “outro”. Nestes lugares o autor mostra como as ações do Estado, que buscam um maior controle do espaço informal e uma definição mais clara de suas fronteiras, como forma de amenizar o choque da partilha do espaço urbano entre populações que coexistem com acentuada iniquidade, terminam por impor novos limites excludentes, reproduzindo movimento semelhante ao que fez surgir a favela – a segregação higienista do início do século passado.

**Ariadne Moraes Silva** registra a influência dos movimentos vanguardistas russos – raísmo, suprematismo e construtivismo – em uma série de movimentos e produções arquitetônicas na era moderna e contemporânea. Sem adentrar nos universos particulares dos principais movimentos e vanguardas artísticas do século passado, a autora centra sua investigação no sentido político, social e artístico desses movimentos enquanto força de ruptura com os sistemas vigentes, pelo seu caráter de recriação e desejo de mudança coletiva, deixando claro como o pensamento utópico é, ainda, atual.

**Carolina Ferreira da Fonseca** nos fala sobre modos distintos de compreender a elaboração de uma cartografia: pela representação ou pela produção-instauração. A primeira pressupõe uma visão positivista do real, a segunda faz-se dentro de uma discussão dos processos cognitivos e das relações de saber-poder-modos de subjetivação. Para tanto, procura entender as conexões entre o pensamento de Harvey e Benjamim no que se refere à historicidade da percepção e da experiência, e os seus rebatimentos no entendimento das metamorfoses contemporâneas da percepção, engendradas pelo conjunto de dispositivos cartográficos infiltrados e absolutamente presentes no cotidiano urbano. O texto termina por se posicionar contra a adesão à representação cartográfica em prol de uma condição de produção, fabricação, fabulação de mundos, cidades, sujeitos, presenças.

No campo dos modos de representação das novas ferramentas computacionais:

**Natalie Johanna Groetelaars e Arivaldo Leão de Amorim** abordam as tecnologias *3D Laser Scanning* e Modelagem da Informação da Construção (BIM) e suas aplicações no atual contexto da arquitetura e do urbanismo que demanda um conjunto de fatores mais eficientes de produção e colaboração, aliando menores custos de construção, operação e manutenção das edificações e, ao mesmo tempo, permitindo melhorar a qualidade dos produtos gerados. No texto são apresentados alguns exemplos do uso destes dispositivos tecnológicos que permitem a integração de dados de diversas disciplinas e a convergência de saberes, e estes são apontados como resposta à complexidade, multiplicidade e instantaneidade das informações do mundo contemporâneo. Trata-se de um novo saber, que impõe a revisão na formação e na prática profissional do arquiteto e urbanista.

Já no campo da teoria e história da arquitetura e do urbanismo:

**Maurício Chagas** escreve sobre a condição da instabilidade do tempo, do espaço e da matéria na atualidade e relaciona esta condição com o interesse pela preservação dos remanescentes do passado, demonstrada pela proteção da herança cultural material – edificações históricas e sítios antigos – e dos programas e ações, públicos e privados, voltados para a preservação dos valores acumulados que combinam a reabilitação das edificações com valor histórico com a proteção e a revitalização de sítios antigos de

localização central já dotados de espaços construídos e de infraestrutura instalada. Para tanto, tensiona formulações conceituais e filosóficas que envolvem os procedimentos que se posicionam entre as noções de mudança e preservação.

**Felipe Caldas Batista** aborda o pensamento urbanístico e sua relação com o poder da modernidade ocidental na Bahia dos anos 1930 e 1940, tendo como marco teórico a questão do poder de segurança ou biopolítica de Michel Foucault. Felipe coloca em seu texto uma reflexão sobre o poder da biopolítica e aponta que esse modo de poder animou tanto as propostas da Semana de Urbanismo nos anos 1930 como também esteve presente nas propostas do EPUCS nos anos 1940 – no que se refere ao planejamento dos espaços destinados ao trabalhador baiano.

**Nivaldo Vieira de Andrade Junior** trata da arquitetura produzida na Itália a partir do final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, por nomes como Ignazio Gardella, Mario Ridolfi, Ludovico Quaroni, Ernesto N. Rogers, Franco Albini, Roberto Gabetti e Aimaro d'Isola, dentre outros, e coloca que estas produções, em particular, caracterizaram-se pela incorporação de elementos e técnicas construtivas das tradições artesanais locais à linguagem e ao repertório tipicamente modernos, bem como pela preocupação com as preexistências ambientais, com o resgate da história e com a revalorização da decoração e do detalhe construtivo. Este artigo também identifica os reflexos desta produção na arquitetura baiana, através das obras de três arquitetos que tiveram algum nível de formação acadêmica em Roma e, posteriormente, atuaram profissionalmente na Bahia: Lina Bo Bardi, Pasqualino Magnavita e Ormino de Azevedo.

Os editores.